

Anatomia do Centrão

ROGÉRIO CÉZAR DE CERQUEIRA LEITE

(Seção Tentativas) de Roberto Cardoso Alves

Um dos processos da físico-química que oferece um espetáculo dramático é o da brusca precipitação em soluções hipersaturadas. Uma dada substância sólida é dissolvida em um líquido até um certo limite máximo que depende da temperatura. A solução assim obtida é homogênea. É possível reduzir a temperatura obtendo uma solução hipersaturada, ou seja, com uma quantidade de substância dissolvida superior àquela que seria normalmente possível a esta temperatura. Todavia, uma pequena perturbação, por exemplo, um simples "peteleco" na borda da vasilha que contém a solução, pode provocar uma súbita precipitação da substância sólida em excesso na solução. E aquele líquido transparente e claro, como que por um passe de mágica, fica turvo, opaco, inhomogêneo, formando-se subsequentemente uma borra no fundo do vasilhame. Pois bem, a formação do Centrão foi um processo análogo. A elevada temperatura da campanha das "Diretas-já" e subsequente "coroação de Tancredo-Rei", propiciaram a dissolução de substâncias estranhas no caldo progressista do PMDB. Com o passar do tempo abaixa a temperatura mas a solução permanece hipersaturada, ou seja com o mesmo teor de contaminação que admitia a altas temperaturas. Pois bem, bastou uma pequena agitação para que aquele líquido límpido e aparentemente homogêneo, revelasse sua verdadeira composição. Não obstante, o fenômeno é benéfico. A política brasileira se livra dos "lobos com pele de carneiro", e é possível identificar agora as substâncias que estavam dissolvidas na solução de equilíbrio instável chamada PMDB. E a substância que se separou do líquido hospedeiro não poderá voltar a se ocultar a não ser a altas temperaturas. A direita, autodenominada Centrão, foi identificada definitivamente.

Esta analogia entretanto nada revela sobre a natureza das forças envolvidas no processo de precipitação. É claro que existe uma certa dose de retribuição aos apoios financeiros recebidos durante a recente campanha eleitoral, talvez um pouco de fisiologia trivial, e mesmo de grotescos subornos e pressões provenientes do Executivo. Mas essas hipóteses não explicam a dimensão do fenômeno. Uma das escolhas obsessivas do Centrão, todavia, pode talvez esclarecer a questão. É a sua obstinação em eliminar qualquer possibilidade de distinção entre o capital privado nacional e o externo. Para começar recapitulemos alguns acontecimentos que servem de pano de fundo para a postura despudoradamente "xenófila" do Centrão.

A tática da diplomacia americana relativa a conflitos com países do Terceiro Mundo não evoluiu muito desde Theodore Roosevelt. Baseia-se em dois princípios elementares. O primeiro estabelece que qualquer concessão do oponente deve ser interpretada como indício de fraqueza e como sinal para a deflagração de novas reivindicações e novos projetos. Toda conquista é uma cabeça de ponte para o próximo ataque.

O segundo estabelece que o momento oportuno para o ataque é aquele em que o governo do país oponente estiver distanciado do povo. Dos ingleses aprenderam que elites de países subdesenvolvidos e governantes autoritários se identificam mais facilmente com prepostos de países ricos do que com seus compatriotas empobrecidos. Portanto, tanto mais vulnerável é um país quanto maior for a distorção em sua distribuição de renda. Os americanos também estão convencidos, apropriadamente aliás, de que a distribuição internacional do trabalho define a hierarquia política e

econômica entre as nações. E preciso, portanto, para manter uma ordem transnacional conveniente, ajustar a distribuição internacional do trabalho. As escaramuças entre Brasil e EUA, em torno de privilégios para ocupação do mercado brasileiro de informática, decorrem desta estratégia e ilustram pedagogicamente a praxis diplomática americana para com os países em desenvolvimento. As retaliações americanas esperaram a ruptura definitiva do governo brasileiro com a população e com o partido que melhor a representava. A nova república, com a força da "campanha das Diretas-já" e a coesão de um partido vitorioso, não seria um adversário fácil. O sucesso inicial do Plano Cruzado assegurou mais um intervalo de espera. Mas em seguida vieram os sinais inequívocos de enfraquecimento moral e político. Uma empresa multinacional desafia o governo e impõe os seus preços. Uma empresa estatal sabota a política energética oficial e seu presidente não é sequer advertido. Um ministro acusa a "corte palaciana" de corrupção e é elogiado pelo presidente da República. Licitações fraudulentas são expostas publicamente e as empresas envolvidas e setores responsáveis são prestigiados. Ministros são desmoralizados metodicamente pelos alcoviteiros palacianos em uma transparente luta pelo poder. Eis o momento ideal para o ataque à política nacional de informática. O programa da Microsoft é um mero pretexto, um pouco ridículo, é verdade, mas talvez não haja oportunidade melhor. Um capitão invade uma Prefeitura. Manifestos militares e insubordinação percorrem o país.

E tudo isso ocorre simultaneamente com a eclosão do Centrão. "Eles são bons patrões", argumenta o deputado Roberto Cardoso Alves, patético líder do Centrão, ao defen-

auc

der os interesses das empresas multinacionais com o mesmo ardor com que protege a UDR. Qual o significado desta conovente lealdade do Centrão às multinacionais?

Adam Smith é, por todos, considerado o pai do Liberalismo. Seu conceito da "mão invisível" é, até hoje, o cerne do discurso cotidiano do liberalismo econômico ortodoxo. "Em verdade", diz ele em "A Riqueza das Nações", de 1776, "sua intenção (do industrial) não é a de servir o interesse público, e ele não sabe mesmo a que ponto pode servir a sociedade. Ao preferir o sucesso da indústria nacional àquela da indústria estrangeira ele não pensa sequer em consolidar uma maior segurança a si próprio; neste, como em muitos outros casos, ele é conduzido por uma mão invisível a preencher uma finalidade que de maneira alguma participa de suas intenções." Mas o hiperliberal do Centrão não parece preferir a empresa brasileira à estrangeira. Não é intrigante? Pois propõe a eliminação da capacidade de distinguir uma da outra. E como se baixássemos, em nome do combate à xenofobia, uma lei permitindo a livre entrada de qualquer indivíduo no país e seu automático acesso à cidadania brasileira sem qualquer intervenção da sociedade ou de seu representante, o Estado.

Já não é apenas uma questão de interesse econômico, de desenvolvimento tecnológico, de segurança nacional, ou de soberania. É também uma questão de dignidade, de auto-estima, de identidade nacional. O Centrão germina como o natural aliado do Departamento de Estado dos EUA, no momento de maior degradação moral da história nacional, como uma flor do lodo.

ROGÉRIO CÉZAR DE CERQUEIRA LEITE, 55, é físico, professor emérito da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e membro do Conselho Editorial do Folio.